

# PREFÁCIO

*MÁRIO ROMBO: Não contes a ninguém, Nadine... (Triste.) Mas tu não imaginas a vontade que eu tive hoje de me dar encontro com um bom peixe frito...*

*NADINE: Com muito limão e cebolada?*

*MÁRIO ROMBO: E jindungo! Para dar um certo ritmo...*

Os Vivos, O Morto e o Peixe Frito (ONDJAKI, 2014)



**Imagem 1** Em dezembro de 2013, saí para caminhar perto da minha casa ao alvorecer. Cruzei com esses objetos colocados juntos na areia: um monitor de computador, uma lata de cerveja vazia e um antigo carrinho de bate-bate arrastados por vários quilômetros para a praia a partir de um local que outrora fora uma feira, depois um campo de refugiados e agora era um bairro de Lobito, Angola. Não consegui saber quem os agrupou e o que aconteceu naquela noite, mas eles capturam algo da essência deste livro, e, então, os coloquei aqui para que pensemos a partir deles.

Este é um livro escrito para que você viaje para além de seus olhos e de sua tela. Como a dramaturga angolana Ondjaki sugere na página anterior, um pouco de pimenta fornece um certo ritmo. Reconhecido isso, este também é um livro escrito para mimetizar a internet: as coisas mudam com rapidez, estilos e formas de conteúdo estão em constante movimento. Não há um argumento central sobre a importância da atenção à beleza, ou a dos atos cotidianos de triunfo e felicidade. O objetivo deste livro é desaplagnar (*unflatten*)<sup>1</sup> a forma como se pensa Angola e a África a partir de uma perspectiva de fora, e a definição de classe média é cumulativa e flexível – imitando a realidade. Não há notícias falsas, mas a história se move: de todo jeito, faça uma checagem de fatos.

Neste livro, conto histórias sobre como experienciei a vida cotidiana em uma pequena cidade litorânea de Angola. Ele está dividido em seções baseadas nos sen-

---

1 Sousanis (2015).

tidos – mais como um artifício literário do que como uma contribuição, ao que os acadêmicos podem chamar de teoria sensorial, embora a teoria sensorial tenha embrenhado-se também por aqui como um fio sutil. Não estou alegando que esta é a forma que angolanos experimentam o mundo, mas sim compartilhando como fiz quando o país permitiu minha entrada e como aprendi a sentir “com” meus amigos e colegas por meio da participação em suas vidas e dos questionamentos que lhes fiz.

A antropologia é uma disciplina que, diz-se, “torna o mundo seguro para a diferença humana”,<sup>2</sup> e, pelo interesse da segurança e da diferença, penso que é importante reconhecer de antemão o que este livro é e o que não é. Ele não é um texto definitivo. Não é um texto que almeja falar por ninguém além de mim mesma. Não é um texto que se esconde das experiências de diferença sentidas e percebidas – as minhas e entre as muitas pessoas que contribuíram com este livro.

Essas diferenças se manifestam em muitos eixos: nacional, racial, religioso, gustativo, educacional, estético, além de um eixo hospedeiro. Alguns são estruturais, outros, pessoais e culturais. Essas diferenças enriquecem nosso mundo e abrem muitos caminhos para o conhecimento, a compreensão e compaixão. Às vezes, saber como fazer perguntas de maneira que as pessoas se sintam respeitadas pode ser difícil, e ter modelos de como fazê-lo pode ser muito útil. A pergunta que fiz como estudante de doutorado no começo desta pesquisa que levou a este livro foi: “como posso pesquisar o que está *funcionando* em Angola, o que faz as pessoas felizes?”. A pergunta que fiz quando estava colocando o que aprendi neste livro foi: “como eu posso escrever isso de uma forma que um estudante universitário de dezoito anos de idade, ou mesmo minha mãe, melhor amiga ou colega engenheiro não ache entediante, e que possa ajudá-los a *se importar?*”. Acredito que se importar é importante.

Além de ser sobre a diferença, este livro também é sobre as coisas que a maior parte das pessoas, na maior parte dos lugares, consegue se identificar: humor, estresse, amizade, amor, traição, assistência, dinheiro, responsabilidade, adoecimento, Facebook e Instagram, lidar com as mudanças, e a grande questão que paira constantemente sobre muitos de nós: As pessoas que amam estão bem? Elas vão continuar bem? O que eu vou fazer se algo mudar? Não é uma prática comum iniciar um livro nascido a partir de uma pesquisa acadêmica com uma discussão sobre o amor, mas neste momento histórico me parece importante. Para sermos capazes de amar alguém, precisamos fazer o possível para compreendê-los – e, em um mundo onde sistemas globais nos afetam a todos em tempo recorde, é importante que possamos abrir a possibilidade de cuidarmos e nos importarmos com aqueles que não conhecemos.

---

2 Wheeler (2017).

Recentemente li o *21 lessons for the 21<sup>st</sup> century*, de Yuval Noah Harari,<sup>3</sup> e uma seção em particular me deu arrepios. Em um capítulo sobre a igualdade, ele observa que talvez as pessoas de diferentes regiões do mundo tenham futuros totalmente diferentes – à semelhança do que escreveu George Orwell em *1984* (1949). Preparando-se para o que está por vir, Harari diz: “talvez, em algumas partes do mundo, você deva ensinar seus filhos a programar computadores, enquanto em outras, é melhor que você os ensine a sacar armas rápido e a atirar com precisão”.<sup>4</sup> Harari é um entre muitos que sentem que, em lugares como Angola, é difícil tornar-se programador de computadores – e ele está certo em um nível mais amplo (ainda que alguns indivíduos venham a superar barreiras estruturais). A questão é: isso não é inevitável.

Separações globais existem porque nós permitimos que o mundo fosse dessa forma. Nossos sistemas sociais e políticos formam o mundo onde vivemos – em Angola, e em qualquer outro lugar – e eles estão intimamente conectados, dos direitos humanos às mudanças climáticas, da manufatura e regulamentação do petróleo à limpeza do ar. Nós precisamos fazer mais para compreendermos uns aos outros, para reconhecer nossa humanidade compartilhada, bem como as estruturas e os sistemas de crença que nos tornam diferentes. Dessa forma, podemos trabalhar juntos em times globais a partir de um lugar de respeito. Este trabalho precisa estar na direção do mundo que nós de fato queremos – não apenas daquele que nós temos no momento.

---

3 Harari (2018).